

Habilidade no cavaquinho gera convite para aposentado tocar em grupo de pagode



SECRETARIA DE PARTICIPAÇÃO POPULAR, DIREITOS HUMANOS E MULHER



Aos 70 anos, aposentado vibra com chance de tocar cavaquinho ao lado do filho

Pág. 8



Aluna supera depressão com aulas de canto e percussão

Pág. 4

Jovem usa criatividade nos textos e sonha em ser roteirista de cinema

Pág. 7



Sergio Luís Ferreira da Costa, 70 anos, é um dos alunos mais velhos das oficinas de cavaquinho, percussão e mídias sociais. A determinação durante as aulas chama a atenção. Não é por menos. Com pouco mais de dois meses de prática no cavaquinho, ele já sonha integrar o conjunto de pagode do filho Luís Sergio, conhecido como Tijolo.

“Conversei com ele sobre essa possibilidade e o grupo prontamente aprovou, desde que eu apresente qualidade no cavaquinho. Você acha que eu vou perder essa oportunidade de brilhar”, brincou.

O aposentado lembrou da dificuldade que sempre teve para fazer um curso de boa qualidade.

“Procurava há algum tempo um curso ou

ocupação para preencher o meu dia a dia, mas o custo era alto. Soube das oficinas e fui convidado para assistir a primeira aula. Fiquei apaixonado ainda mais. Corri para fazer a matrícula. Fiquei com medo de as inscrições se encerrarem”, explicou.

O aposentado ressaltou a importância do Programa Cultura de Direitos para a cidade. “O mundo está muito violento e os jovens estão sendo atraídos para trabalhar no tráfico. Isso é em toda a parte. Você vê o brilho nos olhos dos alunos em querer aprender cada vez mais através das oficinas. É emocionante a dedicação deles em busca de conhecimento para um futuro melhor. As oficinas oferecem isso porque têm conteúdo de alto nível”, avaliou.

A paixão de Sergio Luís contagiou a esposa Nadir, matriculada no curso de percussão. “Quando ela me viu tocando cavaquinho e

improvisando na percussão, após uma semana de aula, ficou empolgada e fez logo a matrícula”, contou.



SECRETARIA DE PARTICIPAÇÃO POPULAR, DIREITOS HUMANOS E MULHER



Aluno supera a timidez com orientação de instrutores



Paulo Sergio Soares, 16 anos, sempre teve o violão como principal recurso para superar a timidez. Segundo ele, esse tipo de comportamento já o prejudicou várias vezes no relacionamento com amigos, familiares e, principalmente, desconhecidos. Bastou entrar para a oficina de Cordas, do Programa Cultura de Direitos, em Itaipuaçu, para superar o que considerava um problema.

“Na oficina, com a orientação de instrutores, fiquei mais comunicativo e passei a interagir com as pessoas. Foi um alívio porque já pensava que a timidez pudesse prejudicar o meu futuro. Hoje, eu tiro de letra. Sem falar que quero melhorar ainda mais no violão”, comemorou.

Um dos objetivos quando entrou para a oficina de violão foi melhorar sua atuação na Igreja onde congrega. A resposta foi rápida. Com três semanas já acompanhava melhor o coral.

“Foi rápido. Com a experiência que eu tinha e as técnicas que aprendi na oficina, passei a tocar melhor. Hoje, oito meses depois, já toco vários estilos. Tenho muita gratidão por tudo que aprendi e aprendo na oficina”, comentou. Se tivesse mais tempo – estuda no período da manhã e faz oficina à tarde – Paulo Sergio entraria para as oficinas de percussão e Mídias Sociais.

“Não posso perder essas oportunidades. Em breve vou fazer a matrícula nessas duas oficinas. Quero muito aprender percussão para ser ainda mais completo na música. Com esse conhecimento posso projetar e sonhar com um futuro ainda melhor”, adiantou.



Mídias Sociais não fica atrás em termos de projeto para o estudante do Ensino Médio, que sonha fazer faculdade de Marketing.

“Seria o suporte para divulgar o meu trabalho na internet e rede social, além de pesquisas nessa caminhada até a faculdade. Um complemento de todo o meu planejamento. Hoje, não dá para ficar para trás em Mídias Sociais”, ponderou.

Anderson investe a criatividade que tem na música para evoluir no roteiro



Com o talento que tem para compor música, Anderson Patrick Soares de Aguiar, 23 anos, planejava estender essa criatividade para outras áreas, com o objetivo de ganhar dinheiro. Com um texto criativo, começou a sondar o custo de um curso de roteiro, mas se assustou com os valores. Quando soube da oficina de vídeo arte comemorou.

“Esses cursos são caros e não tinha como fazer. Aqui, faço a oficina de vídeo arte, com a oferta de sete cursos - produção, roteiro, direção, edição, fotografia, sonorização e iluminação. Tudo de graça e com instrutores de alto nível. Era isso que a cidade precisava para evoluir ainda mais, oferecendo oportunidade para criança, jovem, adulto e idoso de fazer desse conhecimento uma ótima oportunidade para o futuro”, analisou.

Anderson Patrick elogiou o nível de professores e coordenadores. Segundo

ele, além do conteúdo do curso, todos se preocupam com o bem estar dos alunos.

“Quando um aluno não está bem, por qualquer motivo, os instrutores chamam para uma conversa para tentar ajudar. O ambiente é o melhor possível, além do conhecimento que você adquire. Aqui, todos tem brilho nos olhos para aprender cada vez mais, visando o futuro”, avaliou.

Outro fato que chama a atenção de Anderson Patrick é o interesse dos professores em ajudar os alunos a conseguir logo emprego ou atividade remunerada relacionada ao curso em andamento.

“Eles dão dicas e contatos sobre trabalho ou emprego para ajudar os alunos que precisam trabalhar. O nível de solidariedade é impressionante. Quero muito evoluir durante a oficina

para fazer faculdade de Cinema em breve. É o meu sonho”, revelou Anderson Patrick, que ainda pratica capoeira no Programa Cultura de Direitos.



EXPEDIENTE:

Jornal Programa Cultura de Direitos - uma publicação da Secretaria de Participação Social, Direitos Humanos e Mulher e da Casa da Cultura Centro de Formação Artística e Cultural da Baixada Fluminense/ CNPJ 36.446.029/0001-49./ Termo de Colaboração nº 01/2018./ Endereço da Sede do Programa: Rua Pereira Neves, 247, Centro, Maricá - Jornalista: Marcos Galvão RP: 17.356-RJ \ Textos: Edir Lima 17.515 JP / Assessor de Comunicação: Sergio Henrique/ Diagramador: Alexandre Campos/ Colaborador: Rodrigo Nogueira e Silva/ Fotografia: arquivos do programa e da secretaria e Alexandre Campos / Impressão: Marcia Marques da Silva M.E. / CNPJ 08.473.387/0001-05/ Rua Carlos Vianna, 401, Lojas 02 e 03, Rio das Ostras, CEP 28.893-464/ Inscrição Estadual 78220554 Tiragem 50.000 (cinquenta mil).

Trilha do filme Mumbuca faz Jesse sonhar alto



Jesse Bernardo Lemes Grisolta, 20 anos, é um dos alunos da oficina de Vídeo Arte que já trabalha profissionalmente no ramo. Além de querer se especializar em sonorização, ele não abre mão dos demais cursos - produção, roteiro, direção, edição, fotografia e iluminação no curso de Cinema.

Quando um dos instrutores perguntou se algum aluno poderia ajudar na trilha sonora do filme Mumbuca - projeto que implementou a moeda social no município de Maricá - Jesse foi o primeiro a levantar o braço.

“No dia seguinte apresentei alguns trabalhos de Beats (batidas musicais), no qual trabalho há dois anos. Havia parado por falta de recursos, mas voltei a produzir no final do ano passado. A produção do filme gostou e pediu para eu desenvolver a trilha do filme. A seleção foi baseada em sons paradisíacos e que lembram good vibes (boas vibrações)”, revelou.

Jesse Bernardo quer mais. Entre os planos para o futuro, fazer faculdade de Música é uma das prioridades.

“O que eu puder fazer de curso, especialização, trabalhos que levem a

minha evolução na música, vou fazer. Tudo que faço é baseado em culturas de vários países, sendo direcionados a ritmos caribenhos”, explicou. Além de vídeo arte, Jesse Bernardo faz oficina de Mídias Sociais.

“Se você sonha evoluir e conquistar o seu espaço, tem que saber muito de Mídias Sociais. É fundamental na divulgação do seu trabalho. Os seguidores são fundamentais para isso. Tem que saber como trabalhar todo o seu conteúdo. Estou caminhando bem para esse objetivo”, frisou.

Aluna abre mão de talento na natação para evoluir na paixão pela capoeira



Natália Pessoa Urbano do Nascimento, 14 anos, tinha tudo para ter um futuro brilhante na natação. Afinal, havia sido destaque e conquistou medalha de Ouro no Projeto Botinho 2020, do Corpo de Bombeiros de Maricá, na categoria Moby Dick (11 a 14 anos), com apenas 15 dias de instrução e prática. Mas a paixão dela é outra. Ela não mede esforços para evoluir cada vez mais na hora de praticar a capoeira.

“É a melhor parte do dia. Gosto muito. Quero estar sempre aprendendo e melhorando a cada dia”, comentou a capoeirista, batizada com a corda amarela, após sete meses de prática. A mãe Sonia é uma das mais

entusiasmadas com a dedicação da filha.

“Ela tinha um problema respiratório que foi curado com a atividade da capoeira. Além de atividade física, ajuda na formação integral do aluno. A Natália mudou até de comportamento com a capoeira. Além da educação que ensinamos, o instrutor reforça a importância sobre o respeito ao próximo e a interação com as pessoas”, elogiou a advogada Sonia.

Ela lamenta não poder acompanhar mais a filha nas aulas de capoeira, devido a compromissos profissionais na sua empresa de contabilidade.

“É muito bonito ver a minha filha praticando a capoeira, aqueles ritmos, a coreografia, sem falar na atividade física que faz bem para quem pratica”, exaltou.

A dedicação pela capoeira obrigou Natália a interromper as oficinas de violão e canto.

“Não conseguia horário para as três oficinas. Chegou um momento em que fui obrigada a decidir e tive de abrir mão de alguma coisa. Optei pela capoeira, mesmo gostando muito de canto e violão. Até para ter mais tranquilidade e tempo para estudar”, ponderou Natália.

Luana diz que instrutores elevam autoestima de alunos



A aluna Luana Siqueira Guimarães, 33 anos, não imaginava que as oficinas de canto e percussão fariam tão bem para a sua vida. A ponto de superar a depressão que ela teve no período de gravidez da filha Analu, hoje com dois meses.

“Foi um período muito difícil, uma gravidez complicada. Não queria falar com ninguém. Sempre ouvi falar que depressão era o mal do século e não dava muita importância. Só quem passa por isso para saber o sofrimento”, lembrou. No trabalho, a relação com outras pessoas atrapalhava o seu dia a dia.

“O relacionamento, que antes era bom, ficava complicado. Tinha medo de perder o emprego e isso prejudicava a autoestima”, comentou.

O alívio aconteceu logo na primeira semana da oficina de canto e percussão. Além dos ensinamentos e técnicas, Luana ficava mais tranquila com as orientações dos instrutores e

coordenadores.

“Eles são ótimos. Além do alto nível profissional, são pessoas do bem, que sabem elevar a autoestima do aluno. Amo o canto e, com as técnicas que aprendi, somadas à prática da percussão, evolui espiritualmente e psicologicamente. Sou outra pessoa”, vibrou.

A prova disso tudo aconteceu, primeiro, dentro de casa. O sentimento de gratidão pelas oficinas contagiou a filha Nicolly, de 8 anos, que também se matriculou na oficina de capoeira. Em seguida, Luana convenceu o sobrinho a estudar cavaquinho.

“Converso com familiares, vizinhos e amigos para aproveitarem a oportunidade de se inscreverem nas oficinas do Programa Cultura de Direitos. O nível dos instrutores é ótimo e o aprendizado se leva para toda a vida, podendo seguir ou agregar como profissão ou uma segunda atividade no

dia a dia ou no futuro”, frisou.

A cereja do bolo veio com o nascimento da filha Analu. Luana não abre mão de levar a caçula para as aulas de canto e percussão.

“Ela não dá trabalho e é tratada como 'mascotinha' da turma. Futura aluna de canto”, brincou.



Aluno vibra com convite para produzir curta-metragem



Ayrton Becalli está prestes a realizar um sonho. Ele foi convidado para ser diretor de produção de um curta-metragem criado por alunos da oficina de vídeoarte, de Inoã. Advogado e servidor público prestes a se aposentar, considera o convite uma 'oportunidade de ouro'.

“Fui indicado pela experiência de 14 anos em produção. Aos 59 anos voltei a sonhar. Vou sair da rotina do serviço público, que acaba me acomodando. Será um resgate da veia artística, eu sempre projetei isso para a minha vida”, comentou.

Depois de alguns anos planejando fazer

um curso de produção e direção, Ayrton Becalli nem acreditou quando soube da oficina de vídeoarte, do Programa Cultura de Direitos. Não perdeu tempo, fez a matrícula em todos os cursos oferecidos na oficina – produção, roteiro, edição, fotografia, sonorização e iluminação.

“Eu sempre quis conhecer todas as áreas. Há alguns anos resolvi investir em equipamento. Sentia falta do conhecimento técnico. Como produzir conteúdo sem o conhecimento técnico? A oficina de vídeoarte está me proporcionando uma base incrível”, comemorou.

O produtor elogiou o Programa Cultura de Direitos. Segundo ele, é a oportunidade que as crianças e os adolescentes têm para sonhar com o futuro.

“Eu sou militante em política social. Eu vejo esse programa pela qualificação da mão de obra. A maioria da garotada não teria acesso lá fora. É muito caro. Além dos jovens, os adultos e os idosos vão em busca de capacitação para serem inseridos no mercado de trabalho. Com professores e conteúdo de alto nível, esse objetivo fica cada vez mais próximo”, analisou.